

RESUMO

#68 Reflexos da disciplina sobre as práticas integrativas e complementares no ensino médico: estudo de caso

Reflections of a discipline about integrative and complementary practices in medical education: case study

Introdução: A procura por Práticas Integrativas e Complementares (PICs) cresce mundialmente e no Brasil, desde 2006, implantou-se no SUS a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), no entanto poucas escolas médicas do país ofertam disciplinas nesta temática. A disciplina “Terapêutica Médica” compõe, desde 2015, parte do currículo obrigatório dos alunos do 4º ano médico, apresentando a PNPIC, com discussões e vivências de várias PICs, além de palestras sobre Uso Racional de Medicamentos e Medicina Baseada em Evidências. **Objetivos:** Descrever uma disciplina sobre PICs na grade curricular de um curso médico, e discutir as avaliações realizadas pelos alunos. **Métodos:** Trata-se de um estudo de caso. Participaram 365 alunos de 2015 a 2018. É uma disciplina inovadora dentro de um curso centrado no modelo biomédico e cartesiano. Ela tem como objetivo geral contribuir para o olhar ampliado por meio do conhecimento das outras racionalidades médicas e das PICs, na perspectiva da integralidade do cuidado, possibilitando ressignificar ou contrapor outras formas de cuidar. A disciplina é organizada por palestras e mesas redondas ministradas por professores internos desta universidade ou convidados; seguidas por oficinas teórico-práticas realizadas por terapeutas do município. Em 2018 foram trabalhadas 18 PIC. Ao final, todos os alunos responderam sobre seus conhecimentos prévios de alguns dos temas tratados e se indicariam determinada prática, seguido por justificativas de suas intenções quanto a esta indicação. **Resultados:** As avaliações são positivas, sendo que, de 2016 a 2018, 91% disseram ser importante para sua formação, considerando-a essencial (40,4%) ou útil (50,6%) e apenas 8% pouco útil ou inútil (1%). Em 2018, 14,5% dos alunos não conheciam homeopatia, e, após o curso, 75% destes recomendariam aos seus pacientes, por apresentar menos efeitos colaterais (21%) e confiança nos princípios e nos resul-



Caito de Oliveira e Alves¹
Fernanda Martin Catarucci¹
Vânia Hercília Talarico Bruno¹
Ivan da Silva Beteto¹
Pedro Henrique L. Habimorad¹
Karina Pavão Patricio¹

¹Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, SP, Brasil.

E-mail: caitoalves@gmail.com

tados (25%). Já entre todos que não recomendariam, a principal justificativa é a falta de eficácia ou necessidade de mais estudos científicos (7%). Tratando-se da acupuntura, 24,4% não conheciam, porém, ao final do curso, todos (100%) estes recomendariam aos pacientes, por acreditarem nos resultados (38%), eficácia e segurança do método (20%). E 3% não recomendariam por confiarem apenas na alopatia. Já a fitoterapia, 37,5% não a conheciam, mas, depois da aula, 81,8% recomendariam devido à eficácia comprovada (38%), por acreditarem (17%) ou por ter preço acessível (16%); entretanto 5% dos que não recomendariam, não o fariam por não possuírem conhecimentos suficientes. Mais da metade (57,3%) dos alunos não conhecia a meditação, mas 96,1%

destes disseram que recomendariam, frente à melhora da qualidade de vida (63%), pela redução o estresse (25%) e pela comprovação científica (21%).

Conclusões: A **introdução** das PICs durante a graduação médica auxilia para formação de um cuidado mais ampliado e integrativo, minimiza preconceitos e aumenta o respeito ao uso de outras práticas, além das alopáticas, pela população e por outros profissionais da saúde, podendo contrapor o modelo biomédico hegemônico e reconhecer outras formas de cuidar e curar. Preparar minimamente os estudantes de medicina com uma formação coerente com o sistema de saúde na qual estão inseridos é um caminho para favorecer o estabelecimento das PICs em nosso país.

Palavras-chave: Estudantes de Medicina. Educação Médica. Terapias Complementares

REFERÊNCIAS

1. Telesi Jr E. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. *Estud av.* 2016; 30 (86): 99-112.